



NÔ PINTCHA

ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPR ENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Ajuda da OPEP para equilibrar Balança de Pagamentos

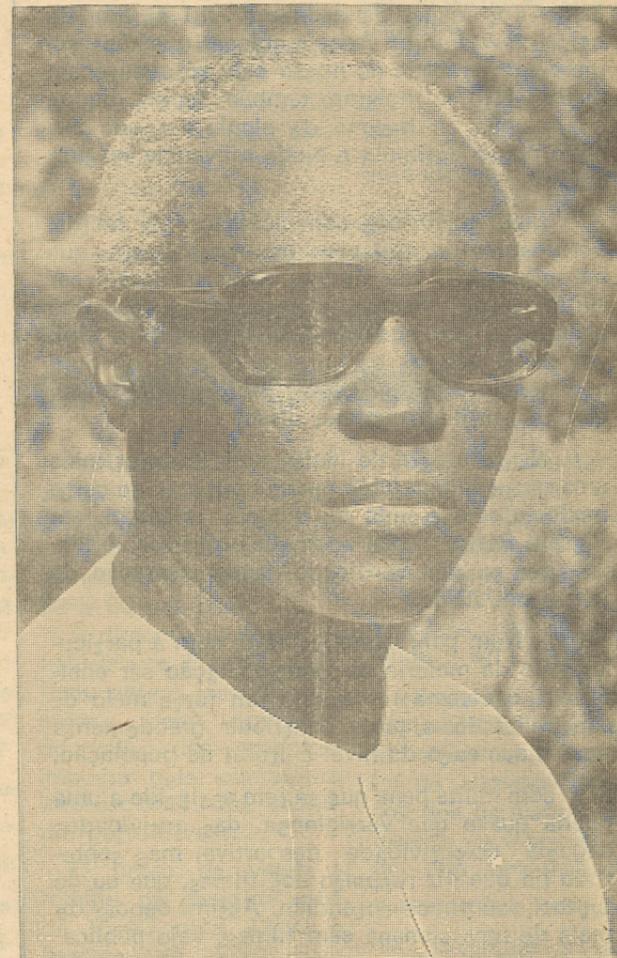
O Fundo Especial da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) concedeu ao nosso país, um empréstimo de 1 milhão de dólares para o equilíbrio da balança nacional de pagamentos, em resposta ao pedido formulado pelo camarada Vasco Cabral, Comissário de Estado da Coordenação e Plano, no princípio do corrente mês.

O acordo foi assinado em Viena no passado dia 16 do mês em curso, pelo camarada Abubacar Turé, director do Departamento das Relações Internacionais do CECEP e pelo sr. Sihaça, director do Fundo Especial da OPEP. Vários países também beneficiaram do mesmo ciclo de empréstimos, tais como a Gâmbia, o Burundi, a Somália e o Iémen Democrático.

Para presidir ao CSL Aristides Pereira chega hoje

É esperado hoje em Bissau, o camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC, que presidirá a reunião ordinária do Conselho Superior de Luta do Partido marcada para a nossa capital no dia 1 de Agosto próximo. Esta reunião será precedida pela do Comité Executivo de Luta, já na próxima terça-feira.

Já se encontra desde ontem em Bissau o camarada Olívio Pires, membro do CEL e Secretário do Conselho Nacional de Cabo Verde do PAIGC, com o fim de participar nas referidas reuniões. Aguarda-se também a chegada dos demais altos dirigentes do Partido residentes na República irmã de Cabo Verde.



Ministro argelino das Finanças visitou Bissau Decidida a intensificação das relações

O Governo argelino ajudará a Guiné-Bissau em diversas realizações de carácter económico, particularmente nos domínios da sociedade da economia mista de pesca guineense-argelina, (GUILP), e em relação ao problema de combustíveis, face ao aumento do preço do petróleo à escala internacional. Estas medidas são resultantes de uma reunião com o Ministro argelino das Finanças, M'hamed Yala, que fez ontem uma visita de trabalho de cinco horas a Bissau. Antes de deixar o país, o camarada Yala fez

uma visita de cortesia ao camarada João Bernardo Vieira (Nino), Comissário Principal, na companhia do camarada Vasco Cabral.

A delegação do nosso Governo, que reuniu com o Ministro argelino, chefiada pelo camarada Vasco Cabral, Comissário de Estado de Coordenação Económica e Plano, integra ainda os camaradas Maria Luísa Santos, directora-geral do Comissariado de Finanças e Abubacar Turé, director do Departamento de Relações Internacionais.

Durante a reunião em

que se fez um balanço da cooperação económica entre os dois países irmãos, ficou estabelecido que o Governo argelino intervirá junto do Banco Islâmico de Desenvolvimento para a aceleração do processo da participação deste organismo no financiamento de vários projectos de desenvolvimento económico na Guiné-Bissau.

No âmbito das suas relações de cooperação com a Suécia, a Argélia promoverá com aquele país o financiamento conjunto de vários projectos de desenvolvimento no

nosso país. Aquele país cooperará também com o nosso Governo na realização de projectos agrícolas. A troca de experiências no quadro geral da cooperação, a assistência técnica e o envio de quadros argelinos à Guiné-Bissau, foram também abordados durante a reunião.

Em meados do mês de Setembro, o Governo argelino enviará uma equipa de técnicos de várias modalidades para a identificação dos projectos comuns a realizar no domínio da agricultura.

Portugal compromete-se a neutralizar actividades hostis a Angola

(Pág-7)

Cimeira da OUA em reportagem do Nô Pintcha

O NÔ PINTCHA publica, no próximo número, a retrospectiva da 16.ª Cimeira dos Chefes de Estado da OUA, que reuniu em Monróvia, capital da Libéria, de 17 a 20 do corrente, 25 chefes de Estado, três Vice-Presidentes e cinco Primeiro-Ministros. A Cimeira, cujo trabalho iniciou com a intervenção do actual presidente em exercício William Tolbert, da Libéria, sobre a análise dos principais problemas do continente, debateu a questão do Sahara Ocidental e do tratado de paz Israelo-Egípcio, e ainda a possível revisão da Carta da OUA. Os chefes de Estado decidiram, por outro lado, reforçar a ajuda aos movimentos de libertação da África Austral e aos países da Linha da Frente vítimas de agressões racistas.

Moncada: 26 anos depois



«Podem vencer dentro de duas horas ou serem vencidos, mas de qualquer maneira, ocam: bem camaradas, de todas as maneiras este movimento triunfará» — Palavras de Fidel Castro na partida para acção contra os quartéis de Moncada e Bayamo. Foi precisamente há 26 anos que se deu o grito de «Pátria ou morte! Vencemos».

O assalto a Moncada, que hoje se comemora na Pátria Socialista de Cuba, foi um dos actos mais audaciosos e heróicos da longa luta de libertação do povo cubano, um motor de arranque para a luta armada que, três anos mais tarde, na Sierra Maestra, principiaria a derrocada da ditadura de Fulgêncio Batista para desembocar a 1 de Janeiro de 1959, sob o impulso de Fidel, Che, Raul, Calixto e de tantos outros heróis e mártires tombados pelo caminho (VER CENTRAIS).

Última hora

Luiz Cabral visitou a região de Quínara

O camarada Presidente Luiz Cabral deslocou-se ontem à Região de Quínara, em visita de trabalho. Acompanhado dos camaradas Samba Laminé Mané, Comissário dos Recursos Naturais, Lay Seck, Presidente da Região de Gabú, Lorena Santos, Director-Geral da Geologia e Minas e outros quadros daquele Departamento, o Presidente Luiz Cabral deslocou-se primeiro à sede da Região

no sector de Fulacunda, tendo de seguida visitado em Buba o projecto de captação de água para a região Sul do país. Durante a visita às instalações, o Presidente foi informado do andamento dos trabalhos do projecto que é financiado pela Holanda, num total de 200 mil contos.

Contamos publicar no próximo número uma notícia mais desenvolvida sobre a visita.

Cinema: uma arma ao serviço da cultura

Camarada Director

Utilizar as colunas do «Nô Pintcha» para a abordagem de questões que dizem respeito ao dia a dia do desenvolvimento do país, tem vindo a ser um hábito, aliás bastante louvável e que é preciso encorajar e estimular. No entanto, para quem tenha acompanhado de perto as edições do nosso jornal, depara-se-lhe à primeira vista que tais questões resumem-se na sua quase globalidade, a críticas a certos aspectos que afectam a vida do cidadão comum, constituindo as colunas dos leitores como que um «tubo de escape» aos males de cada um. Tal estado de coisas leva muitas vezes a colocar questões como esta: será que no nosso país só acontecem males? Não se registam também factos dignos de menção ou mesmo de elogios, o que até certo ponto estimula e ajuda a avançar no processo?

Mas, se formos contrabalançar os factos, verificamos embora com um certo pesar, que há situações que muitas vezes poderiam ser evitadas ou mesmo ultrapassadas, mas que acontecem por acontecer. Será ainda (e uma vez mais) efeitos da herança colonial ou pura negligência da nossa parte? Que respondem os que se sentem capazes disso.

Nesta ordem de ideias, vou levantar mais uma questão que julgo oportuna e que, de certo modo, afecta a vida de qualquer cidadão, em Bissau. Refiro-me às anomalias ou irregularidades que se têm verificado na apresentação de filmes na UDIB.

Num país como o nosso, com a particularidade da maioria da sua população ser analfabeta, o cinema representa um forte meio de sensibilização e pode contribuir grandemente para o aumento do nível cultural da população.

É com muita pena que se tem assistido a uma queda quase que vertiginosa, das actividades daquela colectividade desportiva, mas sobretudo no que diz respeito aos filmes, que eu de futebol sou pouco entendido. Assim, depois de mais de uma semana sem filmes, vejo publicada no «Nô Pintcha» a notícia-explicação de que isso era (e será?) devido a falta de carvão, que é importado de Portugal.

Pergunto: uma vez que o país praticamente importa tudo e que os próprios filmes vêm de Portugal, como é possível ter filmes e não ter carvão? Responderam ao Nô Pintcha que as encomendas chegam sempre com atraso e nunca em quantidade solicitada. Então que mandem comprar noutra sítio ou então que importem em quantidade que dê pelo menos por um tempo mais longo até a satisfação da encomenda seguinte.

Uma outra possibilidade é recorrer a outros meios ao nosso alcance, aproveitando os recursos que dispomos. Há, só em Bissau, o salão de cinema do Bairro de Ajuda, e o da Base Aérea. Porque não aproveitar estes dois salões e promover cine-estúdios, como vem sendo feito em vários países, muitos deles com muito mais recursos que o nosso? Isso para não falar do salão do Ancar ou do III Congresso que ainda se encontra em fase de acabamento, no caso do primeiro, ou requer adaptação, no segundo, conforme foi anunciado pelo Comissário de Informação e Cultura à Assembleia Nacional.

Portanto, levanto esta questão para que as entidades competentes se debrucem seriamente sobre isso e para, fazendo eco do Nô Pintcha, numa das suas últimas edições, «preencher o espaço vazio e a sede de cultura que manifesta o nosso povo».

BELCHIOR FERNANDES

Normas não cumpridas

Canoas afundam-se com passageiros e carga

Inúmeros casos de naufrágio de canoas têm ocorrido nos rios e nas costas do nosso mar, segundo informações chegadas até nós por particulares e oficialmente confirmados junto da Capitania dos portos de Bissau. O facto é agravado, ainda, pela falta de barcos de carreira suficientes que possibilitem às populações a não utilizar as canoas nas suas viagens de longo curso.

Na passada quinta-feira aconteceram dois naufrágios, no rio Geba, sem que, no entanto, tenham sido registados casos de mortes.

O primeiro relaciona-se com um homem que, perdendo o equilíbrio ao partir-se-lhe nas mãos o leme da canoa, foi arrastado pelas ondas e veio parar ao Ilhéu do Rei, a nado. Os restantes tripulantes foram levados pela tempestade até à costa da Ponta Huck, perto de Cumeré. Sabe-se depois que, no mesmo dia, uma canoa a motor, proveniente de Gampará, carregada de sacos de arroz, encheu-se de água do mar, tendo si-

do cautelosamente conduzida para Cumeré.

No passado dia 16 de Junho, dois tripulantes, Ossono Cá e Sidi Có, navegando da ilha de Colbert para Biombo, viram a sua embarcação afundar-se com 36 buchas de arroz em casca. Os dois colocaram-se fora do perigo a nado. Conhece-se também outro caso na região de Cacheu, desde há dois meses, onde teriam morrido mais de cinco pessoas que viajavam no objecto flutuante.

É provável a ocorrência de vários outros acidentes marítimos em canoas, pois os serviços de Capi-

tania não conseguem manter um controle ao mar nos casos de emergência. Segundo informações prestadas pelo Capitão-Mor, Jorge da Silva, em Bissau, apenas existe uma vedeta para as emergências e actualmente, está avariada. Uma outra de Catió, evacuada para Bissau para reparação, é a única que está agora em funcionamento.

De acordo com a opinião do camarada Tomás Lopes Baessa, reforçado pelo Capitão-Mor, o que se verifica é que as canoas têm transgredido as normas da Marinha, transportando passageiros para diferentes zonas costeiras do país. A verdade é que são-lhes concedidas apenas licenças de navegação com o direito de transportarem cargas e de pescarem livremente.

Mas, explicaram eles, enquanto não existirem barcos de carreira suficientes para transporte de passageiros, a situação não mudará facilmente, na medida em que a força moral dos controladores muitas vezes não consegue sobrepôr-se à atitude de desafogo das populações, cujas deslo-

cações são retardadas por falta de barcos.

Mesmo que os passageiros decidam embarcar apenas as suas cargas, depara-se-lhes, de imediato, o perigo desses objectos se extraviarem. Por isso, as pessoas também resolvem embarcar na mesma canoa.

Há duas travessias consideradas mais perigosas para esse tipo de embarcações: a de Biombo-Peixe (no Noroeste) e a travessia de colónia (do Sul para Bolama). Mas fundamentalmente, segundo explicações do Capitão-Mor, Jorge da Silva, existem, para os navegadores fluviais do país, duas épocas distintas, sendo a primeira, de 15 de Maio a 15 de Novembro, a mais perigosa (ou seja o período de mau tempo), e a segunda de Novembro a Maio. Resumindo: o perigo cresce com as tempestades e as chuvas.

Nesta base, a Capitania exerce frequentes vistorias às embarcações exigindo a manutenção de cintos salva-vidas (bóias) e coletes, e a redução da capacidade de carga no período de mau tempo.

Responde o povo

Que fazer para acabar com os pedintes?

Pedintes! Existem na verdade.

Mas existem dois tipos: os que sendo homens e mulheres aptos a dar, o seu contributo, nesta fase que atravessamos, preferem pedir porque «têm gémeos» ou «porque estão surgindo os primeiros cabelos brancos» e os que, sendo incapacitados fisicamente, necessitam de mão que os ajude.

Não nos esqueçamos que sobre os primeiros há uma frase do camarada Cabral: «Na nossa terra, hoje como amanhã, todo o ser válido deve trabalhar».

Sobre esta questão recai hoje o nosso inquérito para a secção «Responde o povo».

— João Bampoki, 23 anos-estudante.

Isso realmente é um problema que precisa ser resolvido.

Na questão dos inválidos, o Estado poderia mandar fazer um lar para receber tais pessoas e assim poder-se evitar em parte o problema de pedintes que, em certa medida, têm a sua razão de ser. Por outro lado, o problema de homens válidos, que se recusam a trabalhar, preferindo a esmola. É um caso um pouco difícil de ser resolvido. Mas de qualquer maneira, obrigá-los a trabalhar não seria nada mau!

APROVEITAM A BENEVOLÊNCIA DO ESTADO

N'Douba Biague, 25

anos-funcionário público

— Em qualquer sociedade é preciso atender ao problema de pedintes. Mas há gente que nesse aspecto se aproveita da benevolência do Estado.

No nosso caso concreto, não temos muita gente de terceira idade na situação de pedintes.

Tem-se é verificado que pessoas atingidas por certas doenças, como por exemplo a lepra, são marginalizadas, o que não se deveria fazer. Esses têm de recorrer à esmola como meio de sobrevivência. Para estas pessoas dever-se-ia dar uma assistência adequada.

Isso no que diz respeito concretamente aos inválidos, porque existem os homens válidos que pedem sem razão de ser.

Para esses, o Estado devia proporcionar-lhes um serviço adequado: serem agricultores, carpinteiros etc.

CRIAR UM LAR

Amante da Rosa, 50 anos industrial — O problema de pedintes é um facto. Mas tendo em conta os verdadeiros necessitados, dever-se-ia criar um lar para eles para o que todos os cidadãos contribuiriam com uma quota mensal.

Quanto ao problema de pessoas capacitadas que não obstante, pedem, é já um pouco complexo, porque tal vai depender da maneira de agir delas. No entanto, uma das hipóteses é tentar recuperá-las no trabalho.

O PROBLEMA DIFERE

Alberto Ramos da Fonseca, 60 anos encadernador — O problema dos pedintes é um problema muito variado, consequência da existência de dois géneros de pedintes.

Os de facto inválidos

devem ser tratados com o maior carinho e terem o auxílio de todos, na medida em que estão impossibilitados de fazer qualquer coisa.

Mas os realmente válidos, não devem ser atendidos visto, terem condições para trabalhar.

Por outra, deve-se fazer-lhes ver que toda a espécie de trabalhos, seja ele braçal ou não, só honra as pessoas, sendo pior o que eles estão fazendo.

Luís Alberto, 27 anos,

funcionário da Imprensa — A questão dos inválidos, realmente inválidos, é algo a que o nosso Estado tem que dedicar a sua atenção. Poder-se-ia criar casas do género de um lar, onde teriam tudo sem ser necessário recorrer à esmola.

Entretanto, os homens válidos que pedem, eu penso que em parte se deve à falta de emprego, o que não é também justificativo, porque, existem outras formas de trabalhar como, por exemplo, na lavoura. Aliás, pela rádio, têm lançado vários apelos nesse sentido.

Militantes da JAAC trabalham no Maio

Durante onze dias, de 18 a 29 de Junho, esteve na ilha de Maio uma brigada de 40 jovens, militantes e candidatos da JAAC da região de Santiago, que participou na inauguração dos Campos Agro-Políticos-79.

Indo ao encontro do problema da falta de mão-de-obra no Maio e com o fito de educar pela prática, o Secretariado Executivo da JAAC após contactos com o MDR, decidiu materializar esse evento proposto aquando da visita àquela ilha do Secretário Nacional Adjunto da JAAC.

Instalados no Centro Zootécnico da Calheta, os 40 jovens, trabalhadores rurais, estudantes e soldados das FARP, trabalhando cinco horas e meia por dia, cobriram já uma área de 15 hectares com 1 600 covas de plantação, abriram três quilómetros e 600 metros de valas de irrigação e fizeram trabalhos de vedação numa área de 200x100 metros, para além de trabalhos em viveiros e mediação cartográfica.

As tardes foram preenchidas com sessões políticas, onde foram estuda-

dos os estatutos e documentos da primeira Conferência Nacional da J.A.A.C., reservando-se a animação cultural e recreativa à volta duma fogueira para depois do jantar.

No contacto quotidiano com o meio e com a população decorreram os parcos 11 dias, registando-se visitas a quase todas as povoações da ilha e a empreendimentos de importância económica, bem como um encontro de futebol na vila e dois convívios com a juventude local.

Com um apoio eficiente do Partido, da Administração local, da JAAC e da delegação do MDR, o trabalho de brigada, foi, segundo o delegado do MDR, «excelente e superelementar» e, segundo o Responsável da brigada, «positivo, encorajador e digno de repetição ou institucionalização».

Entretanto prevê-se para este trimestre a deslocação duma brigada de uma centena de jovens à Boavista e a realização do Campo Agro-Político Nacional no quadro das comemorações do 12 de Setembro, 5.º Aniversário da fundação da Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC).

Instituto das Cooperativas promove exposição

Inaugurada pelo Primeiro Ministro Pedro Pires, na Escola Preparatória Achada de Santo António, esteve aberta ao público uma exposição de Artesanato, costura e mobiliário, iniciativa do Instituto Nacional das Cooperativas.

Na exposição, distribuídos por seis salas, trabalhos executados pela Cooperativa Resistência de S. Vicente, Cooperativa de Carpintaria «1 de Maio» da mesma ilha, Cooperativa Trabalho e Progresso da Praia, esco-

la de costura do ICS, Cooperativa de Costura, Tinturaria e bordados da Praia e ainda, à venda, fregesos das cooperativas agrícolas da ilha.

Nas duas salas ocupadas pela Cooperativa Resistência, mostruários de tecidos com explicações promenorizadas de material utilizado e tempo gasto na sua elaboração bem como uma série de cróquis, feitos pelos aprendizes, sob a orientação do Director da Cooperativa, Manuel Figueira. Ainda se podia ver a própria elab-

oração dos tecidos em tear tradicional, numa demonstração viva, por um tecelão de Santiago, e trabalhos de cerâmica e serigrafia, também tipo mostruário da autoria de Leão Lopes.

Numa outra sala, os trabalhos da Cooperativa «1 de Maio» sobressaíram pela perfeição dos acabamentos e seu estilo leve e moderno, em contraste com os trabalhos da Cooperativa de Carpintaria da Praia, igualmente

bem concebidos, mas num estilo mais clássico.

Os trabalhos da Cooperativa de Costura da Praia decepcionaram muita gente pela sua inferioridade em relação aos trabalhos dos aprendizes de costura que primam pela boa apresentação e perfeição dos acabamentos.

Ainda no mesmo recinto, durante alguns dias, tiveram lugar várias actividades culturais e projecção de slides.

Recinto polivalente na granja de S. Filipe

Um recinto polivalente para actividades desportivas, realizações teatrais, exibição de filmes e espectáculos de variedades ou musicais foi inaugurado no passado dia 5, na Granja de S. Filipe, de festividades promovidas a propósito da passagem do IV aniversário da independência, de Cabo Verde. O programa diversificado teve início às 8 horas, com o içar da Bandeira, e prolongou-se até à tarde com actividades

Durante a manhã tiveram lugar jogos de ténis e andebol, contando com

a presença do primeiro Ministro e altas individualidades que visitaram as instalações da Granja e as unidades de produção em desenvolvimento nesta instituição. A seguir houve um almoço de confraternização entre pioneiros e alunos da Granja, tendo as actividades desportivas continuado durante a tarde com desafios de basquete e futebol de salão e uma cerimónia de despedida dos pioneiros que atingiram os quinze anos de idade.

Novos preços de combustíveis

PRAIA, — O preço da venda ao público da gasolina, gasóleo e petróleo sofreu, em Cabo Verde, aumentos da ordem dos 50 a 60 por cento.

A direcção nacional da Indústria e Energia justificou ontem a subida dos preços pelo «aumento do valor dos produtos, imposto pela conjuntura internacional dos produtos petrolíferos».

O preço da venda a retalho da gasolina sobe de 15,40 para 22,50 o gasóleo de 8,10 para 13,50 e o petróleo de 9,20 para 12,50 pesos.

Não são aumentadas as taxas aduaneiras nem o imposto complementar dos combustíveis, todos fornecidos pelas SHELL de Cabo Verde e transportados de refinarias na Holanda e em Portugal.

«Travados desde a independência, entramos definitivamente na espiral do aumento dos preços dos derivados do petróleo» — disse à ANO um alto responsável governamental cabo-verdiano, prevendo a subida generalizada do custo de vida neste país.

Quem mais fala no povo mais pensa na sua barriga

Recusar todo o oportunismo, especialmente o daqueles que dizem servir o povo para melhor servirem as suas barrigas, é a palavra de ordem desenvolvida no texto que segue reproduzido do Seminário de Quadros e, como sempre neste local, da autoria do camarada Amílcar Cabral, Fundador da Nacionalidade:

«Camaradas nós recusamos o oportunismo de todos os lados, de todas as maneiras. E como vocês sabem, recusamos os oportunistas. Não é difícil lembrarem-se daqueles que antes nos acusavam de inimigos dos filhos do povo da Guiné e não sei quem e não sei quem. Hoje, esses estão todos com os tucas, passando para o lado dos tucas, virando cachorros dos tucas, agentes da Pide, ou na Guiné,

ou no Senegal, ou na Gâmbia e às vezes mesmo aqui.

«Camaradas, a nossa luta mostra claro hoje, quem é que quer de facto lutar para o povo da nossa terra. Houve um tempo em que qualquer um tinha o direito de dizer: — eu estou a lutar pelo povo da minha terra. Eu quero o meu povo, oh o meu povo, meu povo. É tão fácil falar do povo, camaradas. Se vocês pen-

sarem um bocado, vocês vêm. Porque povo não é ninguém. Quem é que é o povo? Quem mais fala no povo, mais pensa na sua barriga. Hoje, depois de tantos anos de luta aliás há muito tempo já, todo aquele que tem consciência na nossa terra sabe uma coisa: quem quer lutar para o povo da nossa terra tem que pegar teso no PAIGC. Ele é que é o povo da nossa terra. Porque ele é que está a realizar, através da luta de sacrifícios e de muito trabalho, as aspirações do nosso povo à liberdade, à paz e ao progresso. Quem não entendeu

isso, quem nega isso, hoje, é agente dos tucas. Por isso hoje, para nós militantes do PAIGC, como para qualquer filho da nossa terra que é de facto patriota, amigo do nosso povo na Guiné ou em Cabo Verde, há uma maneira simples, concreta, mas clara e verdadeira, para dizer que tem amor pelo nosso Povo. É a seguinte: eu tenho muito amor pelo PAIGC.

«Quem é contra o PAIGC, é contra os interesses do nosso povo camaradas, a favor dos tucas.



Cabral ca muri

Há 26 anos em Santiago de Cuba

Assalto ao quartel de Moncada motor de arranque da revolução

«Para pôr um grande motor em andamento, faz sempre falta accionar um pequeno motor que ajude o grande a arrancar» — dizia o Comandante, Fidel Castro, ao comentar o assalto ao Quartel de Moncada.

De acordo com este princípio, o ataque a Moncada seria um pequeno motor que, uma vez estando nas mãos de revolucionários, contribuiria para arrancar o grande motor que era o povo combatendo com armas ali aprendidas, unido em torno de um programa verdadeiramente revolucionário.

26 de Julho de 1953, 26 de Julho de 1979 — 26 anos se passaram sobre a data que marcou o prólogo da luta anti-imperialista e anti-feudal, o incendiar do rastilho da Revolução Cubana contra a ditadura de Batista, que viria a culminar seis anos depois, no primeiro de Janeiro de 1959, com a entrada triunfal em Havana.

Uma data que, em cada ano que passa, faz vibrar o coração do povo cubano, o reviver um momento de patriotismo inabalável de tantos jovens liderados por Fidel de Castro Ruz. Quando o povo de Cuba recorda esse dia, sente-se feliz por ter conseguido concretizar os sonhos que nortearam a decisão do assalto, mas, ao mesmo tempo, está convencido também que a consolidação das conquistas alcançadas requer vigilância permanente contra as sabotagens imperialistas e redobro de esforços humanos para a edificação do socialismo.

Não está à margem desta corajosa determinação, a adopção, como pedra angular da sua política externa, da solidariedade militante com todos os povos que lutam pela sua libertação, autodeterminação e soberania. Uma especial menção digna de apontamento é reservada ao povo da Ilha da Liberdade, por parte do povo da Guiné-Bissau que reconhece nele um companheiro de luta ontem nas «malilas» de Morés, Boé e Quitáfine, e hoje um aliado incansável na frente de desenvolvimento social.

Em Bissau, as comemorações do dia de Moncada já tinham sido iniciadas desde o dia 20 do corrente com a inauguração de uma exposição fotográfica alusiva à data, numa das dependências da Embaixada Cubana. Na passada segunda-feira, houve, por outro lado, um

colóquio promovido pelas missões cubanas no nosso país, tendo falado quatro camaradas daquele país. No dia anterior, efectuaram trabalhos voluntários e encontros desportivos.

O dia de hoje começou a ser assinalado a partir de ontem à noite com ac-



Fidel e alguns dos seus companheiros de Moncada

tividades político-recreativas, nas quais participou, a convite da Embaixada, o agrupamento musical «Cobiana Jazz».

ATAQUE SIMULTÂNEO EM MONCADA E CARLOS MANUEL DE CÉSPEDES

Para levar a cabo a acção, foram escolhidos os quartéis de Moncada, e Carlos Manuel Céspedes. O primeiro, por ser a segunda fortaleza militar em importância no país e a mais afastada da capi-

tal, pelo que permitia aos combatentes ganharem força enquanto a luta fosse estendida ao resto do país. A decisão de atacar também o quartel Carlos Manuel Céspedes, da cidade de Bayamo, visava colocar os avanços revolucionários junto do rio Caucho e deter a pressão que as forças da tirania poderiam exercer sobre Santiago de Cuba (onde fica Moncada).

A data de 26 de Julho, em pleno carnaval santiguense, foi a escolhida porque permitia o movimento de homens dentro da cidade sem que isso chamasse a atenção das autoridades, já que nes-

a partir das cinco e um quarto da manhã a diferentes figuras políticas e aos jornais. Nesse manifesto político da Juventude do Centenário Nacional de José Martí, dava-se a conhecer o programa de Moncada que começava da seguinte maneira:

«Na vergonha dos homens de Cuba está o triunfo da Revolução Cubana: a Revolução de Céspedes, de Agramonte, de Maceo e Martí, de Mella e de Guiteras, de Trejo e de Chibás, a verdadeira Revolução que não terminou todavia. Pela dignidade e decência dos homens de Cuba, a Revolução triunfará.»

Uma vez de uniformes similares aos do exército e com armas, os combatentes entoaram, em voz baixa, o Hino Nacional e, em seguida, Fidel Castro dirigiu algumas palavras aos seus companheiros:

«Camaradas: poderão vencer dentro de umas horas, ou ser vencidos, mas de qualquer maneira, este movimento triunfará! Se vencerem, amanhã cumprir-se-á mais depressa o que aspirou Martí. Se acontecer o contrário, o gesto servirá de exemplo ao povo de Cuba e desse mesmo povo sairão outros jovens dispostos a morrer por Cuba, a tomar a bandeira e seguir para a frente. O povo escreverá os nossos nomes em ouro, no Oriente e em toda a ilha. Jovens do Centenário do Apóstolo, tal como em 68 e em 95, aqui no Oriente, damos o primeiro grito de LIBERDADE OU MORTE...»

VENCIDOS PELA SUPERIORIDADE NUMÉRICA E MATERIAL

Participaram no assalto 165 jovens cubanos, sendo 121 transportados em 26 viaturas diferentes dirigidos para Moncada. Muitas deficiências impediram o sucesso do golpe, porque parte do grupo principal, comandado por Fidel Castro perdeu-se na entrada da cidade e não esteve presente no momento oportuno. Isto e com mais outras falhas, viria a dificultar a retirada estratégica. Mas o principal factor foi a superioridade numérica (mais de mil soldados) e de armamento

(Continua na pág. 8)



Nos últimos dias da ditadura de Somoza, membros da Guardia Nacional

Caíu o somozismo na Nicarágua. O Governo Democrático Provisório de Reconstrução Nacional já se instalou em Manágua libertada. Milhares de pessoas, nas ruas da capital manifestaram a sua alegria mas, preparando-se também para reconstruir o país. Com a sua fuga para os Estados Unidos, Anastasio Somoza deixou

um país destruído por bombardeamentos e sem o seu próprio ordenado.

As novas autoridades, ao lado de fazer face a estas tarefas, também vão fazer face a tarefas económicas como a reconstrução do país.

Nicarágua arrastou por mais de 40 anos a repressão ditatorial. Ainda milhares de pessoas esfomeadas, e

Cronologia da

Criada há mais de 10 anos na Nicarágua a Frente Sandinista de Libertação Nacional conseguiu derrotar a dinastia Somoza, no poder desde 1933. A luta armada começou realmente no final de 1977. Eis as principais datas:

— «13 de Outubro de 1977» — Batalha em torno da cidade de San Carlos, na fronteira com a Costa Rica. Ataques a várias outras guarnições.

— «10 de Janeiro de 1978» — Assassinato de Manágua de Pedro Joaquim Chamorro, director da «Prensa» e chefe da Oposição. Manifestação de massa em Manágua. Numerosas incêndios.

— «24 de Janeiro» — Greve geral em Manágua. Violentos confrontos na capital e na província, entre o Exército e os manifestantes. Beneficiam do apoio dos bispos nicaraguenses.

— «Fevereiro» — Confrontos e violências em outras cidades da província e em Manágua onde os estudantes armados se entrincheiraram na Universidade.

— «3 de Março» — O general Reinaldo Pineda Vega, chefe do Estado-Maior da Guardia Nacional foi assassinado.

— «4 de Agosto» — O arcebispo Miguel Obando Bravo, primaz da Nicarágua, pediu publicamente a demissão do presidente Somoza e a formação de um governo nacional.

— «22 de Agosto» — Um comando da Frente encerra-se em Manágua, de cercar o Parlamento. Em troca dos reféns (várias centenas de pessoas, das quais 60 parlamentares e o ministro do Interior), exige a libertação de prisioneiros políticos e um resgate.

— «24 de Agosto» — O Presidente Somoza cede às exigências do comando. 25 sandinistas e 59 prisioneiros políticos partem de avião para a Venezuela.

— «Agosto-Setembro» — Recrudescimento da guerrilha em numerosas cidades da província. A aviação entra em acção; numerosos mortos e destruições maciças.

Nicarágua

A VITÓRIA DE TODO O POVO

cou com a oposição armada do general Augusto Sandino (assassinado pelo pai de Anastásio Somoza) à intervenção militar norte-americana, no início dos anos 20. Agora foi luta de todo um povo contra a Guarda Nacional somozista.

Anastásio Somoza só se maninha no poder, nos últimos meses, graças à Guarda Nacional. Logo que esta enfraqueceu sob os golpes dos guerrilheiros sandinistas, largamente apoiados pela população nicaraguense, como puderam constatar vários jornalistas presentes, a solidez do regime desintegrou-se rapidamente. O apoio político e militar da Guatemala, de S. Salvador, e das Honduras, assim como de Israel e da Argentina, não puderam travar a sua queda. A fuga do ditador representa também uma séria advertência aos outros regimes da América Central baseados nos mesmos princípios autocráticos e onde os problemas sociais e eco-

nómicos se assemelham aos da Nicarágua.

O PRINCÍPIO DO FIM

A dinastia somozista nasceu no dia em que as tropas norte-americanas, que tinham invadido a Nicarágua, deixaram à frente da Guarda Nacional o seu homem de confiança, Anastásio Somoza Garcia. Os seus patrícios de origem humilde odiaram-no e nunca lhe perdoaram a ousadia de ter casado uma das suas filhas com um nobre da oligarquia nicaraguense dos anos 20. Tinha aprendido todos os seus truques nos Estados Unidos onde esteve algum tempo.

A chegada dos «gringos» (americanos) em 1927, representa para Somoza uma oportunidade de ouro que não pode desperdiçar. Mas, existem dois obstáculos importantes: o primeiro é o general Augusto César Sandino, prestigioso e envolto na auréola de ter combatido o invasor, e o seu tio, o presidente Sacasa, que teme a ambição e o poder do jovem Somoza.

Em 21 de Fevereiro de 1934, membros da Guarda Nacional fuzilam o general Sandino em Manágua e, um dia depois, Somoza deita o presidente e manda-o para o exílio. Passa então a ser proprietário do poder e pode exercer a sua vingança sobre os patrícios que o humilharam no passado. Milita no liberalismo e fugitiva os ricos conservadores.

Depois da sua morte é substituído por Anastásio Somoza, seu filho, que demonstrou muito mais perf-

cia em aumentar a fortuna económica familiar do que o poder herdado. Virado para os negócios, conseguiu envolver-se nos sectores mais rentáveis dessa actividade e multiplicou a sua fortuna até convertê-la numa das maiores da América Latina.

O assassino nas ruas de Manágua, do jornalista da oposição, Pedro Joaquín Chamorro, em Janeiro de 1978, fez abater sobre Somoza uma luta que iria converter-se na prova de fogo para si e para o poder da dinastia. A greve empresarial paralisou o país durante duas semanas e a Frente Sandinista declarou-lhe uma guerra sem quartel.

Em Agosto do mesmo ano, um rejuvenescido movimento guerrilheiro sandinista conseguiu dar um golpe profundo quando tomou o Palácio Nacional de Manágua. Desde a tomada do Palácio, que terminou com uma evidente vitória da guerrilha, quando os sandinistas conseguiram libertar cerca de 60 presos políticos pedindo também um resgate, a guerra instalou-se de facto na vida da Nicarágua.

«A luta que se continua a travar na Nicarágua não é só contra a ditadura de Somoza mas também contra um sistema que ela representa», diria Augusto César Zamora, porta voz da Frente Sandinista. «Nesse sentido, a Frente Sandinista tem afirmado que os principais beneficiários desta luta serão as massas espoliadas do país, os operários e camponeses que formam a grande maioria da população nicaraguense. Isto

significa que não vamos mudar apenas o ditador. Interessamo-nos promover um regime que dê aos explorados todos os direitos que lhes foram negados ao longo de quase meio século.

Mas, agora pergunta-se: porque é que os EUA não interviram militarmente neste país que acaba de libertar-se das garras do imperialismo?

Em finais de Abril de 1965, o presidente Johnson enviou a 82.ª divisão aerotransportada para S. Domingos, para «evitar uma nova Cuba». Com tal pretexto as tropas norte-americanas esmagaram as forças populares que queriam repôr a legalidade violentada pelo golpe militar contra o presidente Bosh. Só depois dessa intervenção, os EUA procuraram legitimar a situação através da formação de um «exército pacificador» apoiado pela Nicarágua, Costa Rica, Honduras e Paraguai. A Junta Provisória de Garcia Godoy nasceu na ponta das baionetas. «Mas podemos fazer tudo com as baionetas menos sentarmo-nos sobre elas». Por isso os norte-americanos organizaram eleições no país ocupado que deram a vitória a Balaguer. A força tornou-se «direito». Os soldados estrangeiros retiraram-se. A operação foi um êxito. Isto na República Dominicana.

Entretanto, os Estados Unidos perderam a guerra do Vietname. A consciência dos diversos sectores da sociedade norte-americana tornou-se mais vigilante. A independência política de alguns países latino-americanos deu passos em frente. E, 14 anos depois, na Nicarágua, a Frente Sandinista de Libertação ultrapassa a fase da guerrilha larvar, assalta o Congresso de Manágua, desencadeia operações militares e organiza a insurreição que despontava dos bairros populares dos centros urbanos. Certas camadas da burguesia nicaraguense, asfixiadas pelo domínio tentacular de Somoza sobre a economia do país, apoiam a corrente menos radical «terceiristas» da Frente Sandinista, esperando recolher os frutos de uma luta que não é sua. A guerra instala-se. Em breve se torna evidente a incapacidade da Guarda Nacional para esmagar os guerrilheiros

apoiados por todo um povo.

Os Estados Unidos não se atreveram porém a repetir S. Domingo. Não porque os dirigentes do Pentágono se tivessem tornado «incorrigíveis pacifistas» que adormecem ao som de suaves hinos em louvor dos direitos humanos. Mas pela boa razão de que receiam cair num novo Vietname, para evitar a repetição de Cuba. Neste momento, procuram inverter a acção de S. Domingo, como se as intervenções imperialistas estivessem sujeitas à propriedade comutativa.

Tudo indica porém que as massas trabalhadoras do país, durante anos vítimas de humilhações e sofrimentos sem conta, não aguardarão calmamente soluções essencialmente políticas. Elas participarão em todas elas, até à convocação de eleições gerais, criação de instituições democráticas e parlamentares. Haverá alterações profundas no regime de propriedade e o castigo dos responsáveis por uma opressão de cerca de 50 anos.

Programa do Governo

O Conselho directivo, formado por cinco membros, coordenará a actividade do Governo Democrático Provisório de Reconstrução Nacional. Apresentamos alguns extractos do seu programa:

— Expropriação imediata e nacionalização de todas as propriedades de Somoza e todos os perigos de corrupção somozista.

— Dissolução da Guarda Nacional e criação de uma Força Armada Popular baseada em milícias sandinistas, na qual integrar-se-ão os guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação Nacional.

— Nacionalização dos transportes, do sector da pesca, da indústria da madeira e das minas de ouro e prata.

— Reconhecimento de liberdades públicas e convocação de eleições gerais.

anças assustavam os

os e numerosas cidades destruídas. Mas não importa, o povo libertou-se da dinastia somozista.

Foram necessários 42 anos de sacrifícios, de luta, para desembocar, finalmente numa insurreição popular e generalizada, capaz de demolir a tirania assassina do «clan Somoza». Este combate prolongado e difícil come-

reição sandinista

— «13 de Setembro» — Início em Washington da reunião da OEA sobre a Nicarágua, a pedido da Venezuela. Supressão pelo Senado americano da «ajuda» dos Estados Unidos à Nicarágua.

— «29 de Setembro» — Princípio das negociações FAO (Frente Alargada de Oposição).

— «7 de Dezembro» — Cessa o estado de sítio e a lei marcial.

— «Fevereiro de 1979» — Recomeço da ofensiva sandinista em diversas cidades da província.

— «Abril» — Violentos combates na cidade de Esteli, tomada e retomada, destruída em 75 por cento. A cidade de Leon é por seu turno, atacada pelos guerrilheiros, depois retomada.

— «20 de Maio» — Após a Costa Rica, o México rompe relações diplomáticas com a Nicarágua.

— «29 de Maio» — Ofensiva geral das forças sandinistas.

— «4 de Junho» — Greve geral ilimitada, paralisa quase total de toda a actividade económica.

— «6 de Junho» — Proclamação de novo estado de sítio e da lei marcial.

— «19 de Junho» — Forma-se o Governo Provisório na Costa Rica. Depois de cinco semanas de combate, em que os recontros foram mais violentos na capital e arredores, o presidente Somoza é forçado a demitir-se.

— «19 de Julho» — Governo Provisório instala-se em Leon.

— «20 de Julho» — Governo entra em Manágua libertada, após a fuga do sucessor de Somoza.

— «24 de Julho» — Expropriação dos bens de Somoza e nacionalização da Banca.



Outra guerra começou: — a reconstrução do país

Prossegue o defeso

Hoje efectuam-se dois encontros

Os encontros Cuntum — Bandim-2 e Cupilon de Cima — Antula que contavam para a 3.ª jornada do campeonato de defeso, não se realizaram devido à falta de comparência da equipa de arbitragem. Por este motivo, esses jogos serão disputados hoje, pelas 17 horas, no campo «Cacoma» em Bandim e no da Marinha, respectivamente.

Entretanto, nos restantes jogos, que também contavam para a terceira jornada, verificaram-se os seguintes resultados: B.N.G., 4-Tchada, 2; Bissau Novo, 2-Sintra/Nema, 0; CEABIS, 0-S. Luzia, 0; Estaleiros, 1-Bandim-2, 1; Escola Profissional, 0-Plubá, 0; Reno/Gambafada, 1-Bombeiros, 0; Mindará, 2-Missirrá, 0; Des. Rural, 1-Chão

de Papel, 1; Socomi, 2-Plaque, 1; 3 de Agosto, 1 - Recursos Naturais, 0; Péfine, 3-Liceu, 3; Cultura, 1-Estrela Negra, 0; Brá, 1-Guihotel, 1; Totobola, 0-Cupilon de Baixo, 0 e C.T.T., 0-Obras Públicas, 2.

Devido à irradiação da formação de Cobornel, foi atribuída a equipa da Junta Autónoma uma vitória de 5 bolas a zero.

Ping-Pong

Campeonato de singulares e pares

O primeiro campeonato de Ping-Pong, organizado pelo D.C.D.R. da JAAC, terá lugar no salão do Benfica, de Bissau numa data a indicar pela Comissão Organizadora deste departamento.

Este campeonato está organizado em quatro categorias: iniciados (de 12 aos 15 anos), juvenis (de 15 aos 16), juniores (de 17 aos 18) e seniores

(de 19 em diante). Os jogos são disputados em duas classes, singulares e pares.

Os jogos serão marcados de acordo com o calendário estabelecido, tendo os primeiros encontros, início às 21 horas. No entanto, os jogadores devem estar no local 20 minutos antes da hora marcada no calendário de-

vidamente equipados e munidos com raquetes e bolas. Se o participante não tiver esses apetrechos a Comissão os fornecerá.

Entretanto, recordamos que as inscrições só podem ser feitas através dos Comités de base, podendo, qualquer atleta inscrever-se nas duas classes acima mencionada (singular e par).

Andebol

Taça «Marien N'Gouabi»

BRAZAVILLE — A cerimónia de abertura da fase final da Taça da África das Nações de andebol (primeira edição da Taça «Marien N'Gouabi») teve lugar no estádio da Revolução, na passada sexta-feira, sob a presidência do Chefe do Estado, o coronel Sagsou Nguesso, na presença das delegações participantes e perante 40 mil espectadores. As alocações foram pronunciadas pelo Ministro congolês dos Desportos e presidente da Organização da Taça Marien N'Gouabi, presidente da Confederação Africana de Andebol (C.A.H.B.), Babacar Fall.

O primeiro encontro deste torneio opôs a equipa feminina de Congo à sua homóloga de Togo e no segundo encontro a equipa masculina de Congo enfrentou, por sua vez, a formação de Costa de Marfim. O golpe de saída do primeiro encontro foi dado pela viúva do Presidente Marien N'Gouabi, Celine N'Gouabi. Nestes encontros os congolêses venceram os seus opositores. A equipa masculina venceu a formação da Costa de Marfim por 31/23 e a equipa femi-

nina derrotou, por sua vez a do Togo por 28/17.

Entretanto, a equipa masculina argelina infligiu aos angolanos uma derrota de 43 a 15 de salientar que esta equipa (Argélia) é detentora da medalha de ouro dos Jogos Africanos e é a favorita.

Quatro jogos serão disputados todos os dias e a final desenrolar-se-á no 31 de Julho, data do 11.º Aniversário do movimento insurreccional dirigido pelo comandante N'Gouabi.

DUAS TAÇAS PARA OS MELHORES ANDEBOLISTAS

Duas Taças destinadas aos melhores andebolistas, feminino e masculino, da final do torneio da Taça «Marien N'Gouabi» foram oferecidas à CAHB pela União dos Jornalistas Desportivos Africanos (UJSA).

A equipa masculina da Argélia bateu Camarões por 31-24, em feminino, Argélia, 25-Benin, 7; Ouganda, 13-Costa de Marfim, 23. Por fim na classe masculina, Tunísia, 23-Costa de Marfim, 23.

Intercâmbio desportivo entre EUA e Guiné-Bissau

O desejo de intensificar, num futuro breve, o intercâmbio desportivo e cultural entre os Estados Unidos da América e a Guiné-Bissau, foi manifestada na semana passada pelo Embaixador dos EUA no país e pelo camarada Carlos Dias, em nome do Conselho Superior dos Despor-

tos na Embaixada americana em Bissau, quando da cerimónia de oferta de algumas bolas, sapatinhas e redes para basquetebol.

Esta oferta foi feita por um especialista norte-americano de basquetebol. Red Verderame, que visitou o nosso país durante três dias, no

quadro de uma viagem privada de estudo do basquetebol africano.

O sr. Verderame teve sessões de trabalho no salão de jogos da UDIB com as equipas de basquetebol das FARP e do BNG, com o fim de apreciar o nível da modalidade no país, o que, na sua observação, «tem boas possibilidades de se desenvolver com o aumento do número de praticantes e com bons treinadores». Ele dirigiu alguns jogos entre as duas equipas ensinando novas técnicas e, na noite de sexta-

feira passada, apresentou um filme sobre o basquetebol nos EUA.

Na cerimónia de entrega dos materiais de basquetebol que decorreu na presença do Embaixador dos EUA, além do camarada Carlos Dias, que recebeu a oferta das mãos do sr. Verderame, assistiram ainda ao acto, os camaradas, Augusto Pereira da Graça, do CSD, João Ribeiro, da Federação Nacional de Futebol e Marçate Monteiro, responsável pela Educação Física Escolar em Cabo Verde.

Atletismo

Prova de estafeta Safim-Bissau

O percurso da estafeta Safim-Bissau, marcada para a próxima terça-feira, é de 15 quilómetros aproximadamente. As equipas são compostas de 10 atletas e por isso cada um deles deve percorrer uma distância nada menos do que 1500 metros.

Para esta estafeta, 1500 X 10, a Comissão Organizadora do DCDR da JAAC, na sua última reunião, tomou medidas para solucionar os precalços que possam eventual-

mente surgir. Contactou os bombeiros que fornecerão ambulância para assistir os atletas. Assegurou também o policiamento, e entrará em contacto com os Armazéns do Povo e a Socomi a fim de que cada um deles forneça duas viaturas, com o objectivo de recolher os atletas. Nesta sua reunião também ficou decidido que o corta matos terá lugar junto ao parque da Dicol no domingo, dia 5 do próximo mês, às 8 horas.

Anúncios

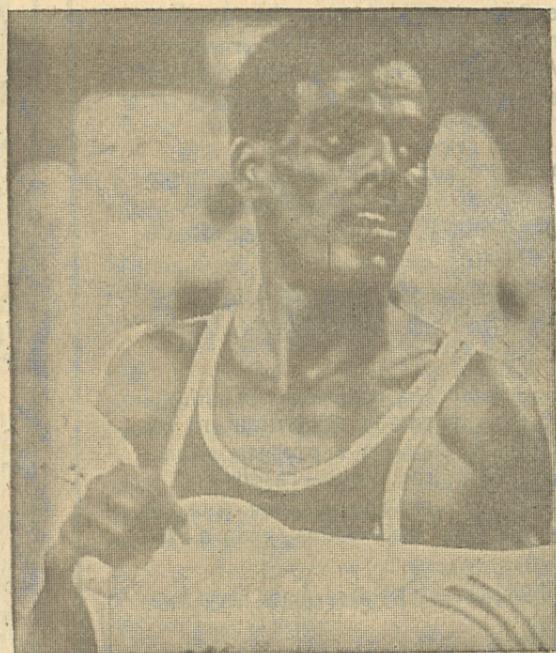
AVISO

COMITÉ DE ESTADO DA REGIÃO DE BIOMBO, EM QUINHAMEL

I — São por este meio avisados todos os inquilinos residentes nos prédios do Bairro da Ajuda, 1.ª fase, que foram distribuídos casas em regime de Propriedade Resolúvel, de que têm um prazo de 15 (Quinze) dias a contar da publicação do presente aviso na Rádio e no jornal «Nô Pintcha», para comparecerem na Secretaria do Comité de Estado da Cidade de Bissau — antiga Camara Municipal) dentro das ho-

ras normais de expediente e em dias úteis de serviço, munidos do competente título de Propriedade Resolúvel bem como o último talão de rendas pagas, a fim de ser presente ao funcionário encarregado de executar a relação nominal dos inquilinos nas condições acima referidas.

II — Mais se avisa de que findo o prazo acima estipulado, todos aqueles que não fizerem a sua apresentação na Secretaria do Comité de Estado da Cidade de Bissau, de conformidade com o presente aviso, não poderá mais tarde apresentar qualquer reclamação.



Yfter velho para as medalhas?

MOSCOVO — Mirus Yfter, de idade incerta, é um dos veteranos que se porta excelentemente. Para algumas pessoas ele tem 32 anos, para outros tem menos de 36 e, ainda, há os que lhe atribuem idade superior a 40 anos. Yfter foi vencedor dos cinco mil e 10 mil metros da Taça do Mundo, no ano passado, e enfrenta sempre a sua «reforma».

Ele sonha, de facto, seguir as pegadas dos seus gloriosos antecessores Bikila Abele e Mamo Wolde, que fizeram durante três olimpíadas, Roma, Tóquio e México, da maratonista um «negócio» todo etíope, e alinhar à partida nos Jogos de Moscovo do próximo ano.

Recorda-se que Yfter venceu a medalha de ouro das Espartaquíadas.

Farmácias

HOJE — Central Farmedi n.º 2 — Bairro de Belém — telefone, 3473
AMANHÃ — Farmácia Higiene — Rua António N'Bana — telefone, 2520

Cinema

MATINÉ — «Os Malucos vão a Guerra» — Maior de 13 anos
SOIRÉ — «A Inglesa Romântica»

Telefones

BOMBEIROS HUMANITARIOS — Telef: 2222
POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 - 2.ª Esquadra 3444
HOSPITAL SIMÃO MENDES — 2866/67/68

Sahara
Vitórias
da Polisário

ARGEL — A Frente Polisário continua a reforçar a luta militar contra as tropas marroquinas que ocupam ilegalmente o Sahara Ocidental. De 19 a 22 de Julho, os combatentes saharauis atacaram duas cidades, matando cerca de 200 soldados marroquinos, e capturando muitos prisioneiros.

Durante uma operação que durou mais de três horas, os combatentes saharauis atacaram no dia 19 de Junho a cidade de Smara (capital religiosa do Sahara Ocidental), onde liquidaram 86 membros do exército marroquino, capturando um tenente, dois sub-oficiais e cinco cabos.

Um comunicado militar saharauí sublinhou anteontem que «esta vitória brilhante da nossa luta armada confirma a capacidade do nosso povo de impôr militarmente a libertação e independência do nosso país».

A 22 de Julho, o Exército de Libertação Popular Saharauí (ELPS) matou 120 militares marroquinos, dos quais dois tenentes, e capturou 20, numa emboscada montada na região de Goulimine, no sul do Marrocos. A localidade de Lekhneque-Lekheli, situada na província de Goulimine também foi atacada. — (FP).

Portugal compromete-se a neutralizar actividades hostis a Angola

LISBOA — O governo português comprometeu-se a neutralizar as actividades hostis à República Popular de Angola realizadas no seu território pelas organizações ilegais angolanas, afirmou um comunicado comum assinado em Lisboa, no final da reunião de uma Comissão Mista luso-angolana.

Segundo este comunicado, Angola comprometeu-se a neutralizar as actividades hostis à República Popular de Angola realizadas no seu território pelas organizações ilegais angolanas, afirmou um comunicado comum assinado em Lisboa, no final da reunião de uma Comissão Mista luso-angolana.

gal e Angola assinaram dois acordos de cooperação nos domínios cultural e técnico, que constituirão o quadro jurídico geral no qual se vão intensificar os contactos entre os dois países. Esta cooperação será desenvolvida por nove ministérios e secretariados de Estado, assim como pelo Estado-Maior das Forças Armadas portuguesas.

Junho do ano passado em Bissau.

REGRESSO DE 1200 REFUGIADOS

Mais de 1200 refugiados angolanos regressaram ao país provenientes de Portugal. Isto foi possível graças ao acordo concluído entre os dois países, com a participação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Se-

Milhares de angolanos intimidados pela propaganda de mentiras sobre a revolução, fugiram de Angola para se instalarem em Portugal, onde vivem cheios de problemas.

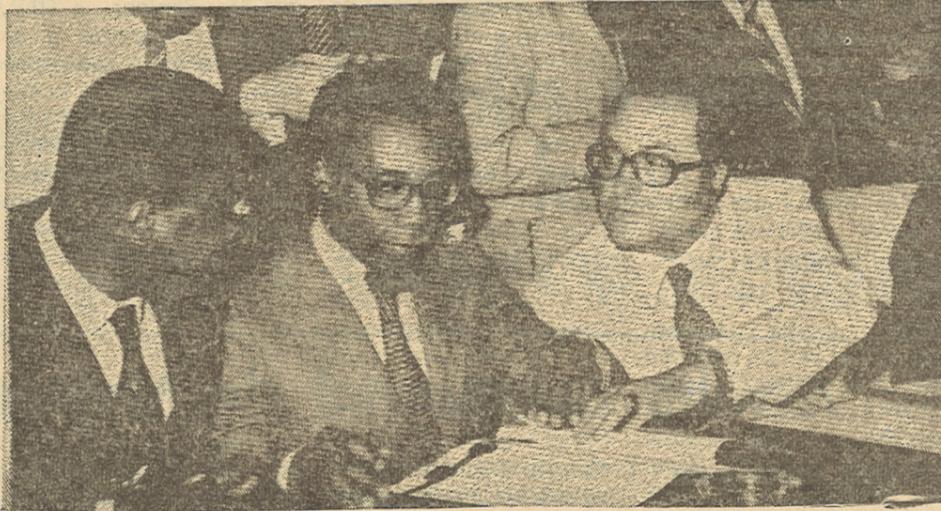
O governo de Angola declarou estar disposto a receber e garantir trabalho aos repatriados, e criou para este fim um ministério especial encarregado de assuntos sociais.

O ministério dá particular atenção aos órgãos que o destino lançou para longe da sua pátria.

Entretanto, as forças reaccionárias em Portugal não cessaram a campanha de provocação a fim de impedir o regresso dos refugiados a Angola.

Inimigos de Angola intimidam pessoas que desejam voltar à sua pátria, evocando as dificuldades que atravessa o país.

No decurso de uma entrevista concedida ao jornal «Diário de Notícias», Adriano Sebastião, embaixador de Angola em Lisboa, declarou que os contra-revolucionários realizaram uma propaganda indigna. Sublinhou que o seu governo está pronto a ajudar todos aqueles que desejarem regressar a Angola. — (FP, Tass).



Ismael Marins, ministro angolano das Finanças e Freixas Cruz, ministro português dos Negócios Estrangeiros, assinando o comunicado conjunto.

te-se, por seu lado, a reger as garantias de assistência consular e judiciária do artigo 36 da Convenção de Genebra, respeitante aos cidadãos portugueses presos em Angola.

Por outro lado, Portu-

Os acordos foram assinados após uma semana de negociações da Comissão Mista criada pelo acordo geral de cooperação assinado pelos presidentes Ramalho Eanes e Agostinho Neto a 19 de

gundo este acordo, os governos de Angola e de Portugal comprometeram-se a dar toda a ajuda necessária ao rápido repatriamento dos refugiados desejosos de regressar ao país.

Nicarágua: a luta contra a fome

MANÁGUA — A assistência em víveres e medicamentos, prometida à Nicarágua por vários países, continua a chegar com atraso a Manágua, preocupando seriamente as novas autoridades, pois pelo menos 750 mil sofrem de fome na Nicarágua, principalmente crianças.

Os Comités de Defesa Civil, cuja principal tarefa além da preservação das conquistas da revolução, é ocupar-se do abastecimento em alimentos, são organizados em todo o país. A Cruz Vermelha também tomou medidas semelhantes. A direcção deste organismo indicou que os problemas suscitados pela carência de alimentos são mais graves do que os do tremor de terra catastrófica de 1972.

«O pior é que este ano não podemos esperar as colheitas, visto que não cultivámos. As reservas também esgotaram-se», declarou o director-geral da Cruz Vermelha nicaraguenha, Miguel Schiebel.

Numa tal situação, a necessidade da ajuda estrangeira é inevitável. Até

agora, os países que responderam ao apelo lançado pela Cruz Vermelha da Nicarágua foram o Panamá, Colombia, Salvador, Guatemala, Venezuela e os Estados Unidos. O México enviou directamente a sua ajuda — equipas médicas, medicamentos e alimentos — ao novo governo nicaraguenho da reconstrução nacional.

Até agora, mais de 300 antigos membros da Guarda Nacional de Somoza renderam-se às unidades da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Foram instalados em quatro campos da Cruz Vermelha Internacional. A maior parte são simples soldados, que recorreram à Cruz Vermelha mais para pedir comida do que pela protecção. Os oficiais fugiram antes ou

refugiaram-se nas embaixadas da Guatemala, Salvador e de outros países latino-americanos.

O ministro do Interior do Governo democrático de reconstrução nacional, Tomás Borge, confirmou que só os antigos membros da Guarda Nacional que cometeram crimes contra a população é que serão julgados.

Em Manágua, o reaparelhamento dos meios de transporte públicos urbanos, interurbanos e de táxis simbolizou o recomeço das actividades. Equipas de voluntários devolvem às ruas um aspecto um pouco mais normal, tapando as trincheiras cavadas durante os combates.

Daniel Ortega, um dos membros do governo de reconstrução nacional declarou que as principais tarefas do novo regime são a reorganização do exército e da administração pública, assim como a busca de uma solução para os problemas económicos. (Tanjug)

Itália continua sem governo

A situação política italiana encontra-se num impasse depois do fracasso de Bettino Craxi, presidente do Partido Socialista Italiano, na sua tentativa de formar o novo governo. Giulio Andreotti (democrata-cristão), já tinha renunciado há 15 dias de formar um governo, bloqueado pela recusa socialista, enquanto que a tentativa socialista falhou devido à oposição democrata-cristão.

O presidente Sandro Pertini devia decidir até hoje a nova personalidade. A Democracia-Cristã considera que a presidência do conselho lhe pertence por direito, visto que os socialistas apenas obtiveram 10 por cento de votos nas eleições legislativas, contra os 38,4 por cento dos democratas-cristãos. — (FP)

Encontro Tito-Sekou Touré

BELGRADO — Os presidentes Tito e Sekou Touré avistaram-se na segunda e terça-feira na ilha de Brioni (litoral jugoslavo), tendo reafirmado na altura o engajamento dos respectivos países à política do Não-Alinhamento.

Espera-se em Belgrado que este encontro resulte no plano bilateral, na criação de sociedades mistas para o aproveitamento dos recursos mineiros (ferro e bauxite) e florestais da Guiné-Conakry e de um centro de pesca em Conakry. (FP)

CONSTRUÇÃO EM AFRICA

ADDIS-ABEBA — Lopo do Nascimento, vice-secretário geral da Comissão Económica da ONU para África (CEA), lamentou a dominação de sociedades estrangeiras no sector da construção moderna em África, ao discursar na abertura de uma reunião de peritos africanos sobre as indústrias da construção, que deve estudar os meios de atingir a auto-suficiência africana nos domínios ligados à construção. — (F.P.).

ACORDO S. TOMÉ-COREIA

PYONGYANG — Um acordo sobre a cooperação cultural foi assinado recentemente entre a República Popular Democrática da Coreia e São Tomé e Príncipe. Este acordo foi assinado pelo embaixador coreano em São Tomé e pelo ministro interino dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação de São Tomé.

AJUDA FINANCEIRA

LONDRES — Os governos dos Estados membros da Commonwealth pretendem dar uma importante ajuda financeira aos países em vias de desenvolvimento, comparável ao plano Marshall do pós-guerra, anunciou na segunda-feira o jornal londrino «Financial Times», baseando-se num documento confidencial preparado pelo secretário-geral da Commonwealth. — (FP).

NÍGER: SITUAÇÃO AGRÍCOLA FAVORÁVEL

NIAMEY — A imprensa nigeriana anunciou que a situação agrícola é bastante satisfatória no início da estação das chuvas. Com excepção de algumas regiões notoriamente secas e desérticas, choveu frequentemente e com abundância até ao fim de Junho. Os ataques parasitários foram de fraca intensidade e os meios de protecção foram instalados em toda a parte pelas autoridades. — (FP).

ASSISTÊNCIA A TANZANIA

DAR-ES-SALAM — Os ministros da Indústria de dez países em vias de desenvolvimento pertencentes ao grupo dos Não-Alinhados reuniram-se em Arusha para estudar os meios de ajudar a Tanzânia a utilizar a assistência técnica e financeira de que beneficia. Esta iniciativa do grupo dos Não-Alinhados, aplicada pela primeira vez no Afeganistão, é baseada na ajuda dos países mais desenvolvidos deste grupo ao menos desenvolvidos. — (F.P.).

Arroz que falta Arroz que sobra

Enquanto que em Bissau, a população tem que fazer grandes bichas (brigar, barafustar) para comprar um quilo de arroz para comer e matar a fome, no interior do país, mais propriamente no sul, acontece o contrário: os camponeses fazem enormes bichas para vender arroz aos comerciantes.

Assistimos numa tarde em Caboxanque. Ficámos pagmados. As mulheres com grandes balaos à cabeça caminharam horas e horas a pé para vender nos Armazéns do Povo ou à Socomi, o arroz que foi fruto da sua produção ainda do ano passado. Isto parece impossível, mas é pura verdade. A produção do arroz no país o ano passado foi boa e, não há razões fortes para que não haja arroz neste momento em Bissau.

O chamado celeiro da Guiné-Bissau, a zona sul do nosso país tem neste momento arroz para alimentar uma grande parte da população. Em Bedanda, por exemplo, vimos dois armazéns completamente cheios de arroz, do chão ao tecto. Muita gente dizia que não há meios de transporte, as estradas são difíceis, não há ainda gásleo para a central eléctrica etc., mas arroz é o que não falta. Em Caboxanque vimos camiões e mais camiões de arroz a ser transportados para o porto do local e a ser embarcado numa barcaça.

Ora resta saber porque é que o arroz que se encontra no sul do país não é evacuado para Bissau. Recorde-se que anos atrás era até transportado em canoas. Porque razão, isso não acontece agora?

Se essa quantidade de toda é da colheita do ano passado porque é que durante todo este ano, antes de terem começado as chuvas, não foi transportado se os Armazéns do Povo e a Socomi têm camiões e barcaças? Essa necessidade impõe-se porque muitas vezes a população do sul tem problemas porque estão sempre sujeitos a que o arroz se estrague com as chuvas, na medida em que não têm instalações adequadas para guardar convenientemente. Estão sempre desejosos que o seu produto seja evacuado para Bissau, quanto antes, para não perderem aquilo que foi todo o seu trabalho durante o ano.

Chegámos mesmo a ver pessoas de Bissau que se deslocaram a Bedanda só para comprar alguns sacos de arroz. Se os Armazéns do Povo e a Socomi têm o monopólio da comercialização de, entre alguns produtos, o arroz, devem tomar providências quanto antes porque as chuvas estão a aumentar cada dia mais, vai haver cada vez menos possibilidades de transportar todo esse arroz para a capital.

O povo não pode estar sempre dependente do arroz que é importado do estrangeiro e do atraso dos barcos para se alimentar. Se há arroz no sul do país, mesmo que não chegue para a alimentação de toda a população durante o ano, pelo menos dá para uma parte, as carências podem diminuir consideravelmente e as bichas em toda a cidade também. Os próprios dirigentes do sul afirmam que há arroz que chega para abastecer outras regiões do país.

Aniversário do Egipto comemorado em Bissau

A República Árabe do Egipto completou o vigésimo sétimo aniversário no dia 23 de Julho. Por ocasião desta data, o Embaixador egípcio creditado no nosso país, ofereceu uma recepção no salão da UDIB. Esteve presente uma delegação do nosso governo chefiada pelo camarada Paulo Correia, membro do CEL do Partido e comissário de Es-

tado dos Combatentes da Liberdade da Pátria. Intergravam a delegação os camaradas, Samba Lamine Mané, comissário de Estado dos Recursos Naturais, Alexandre Nunes Correia, secretário geral dos Negócios Estrangeiros e Jorge Miranda Lima, secretário geral dos Combatentes da Liberdade da Pátria.

Dirigente da OLP vítima de atentado em França

NICE — Zouheir Mohsen, membro do Comité Executivo e responsável militar da OLP, que foi alvo de um atentado ontem de madrugada em Cannes (litoral mediterrânico francês), encontra-se num estado desesperado no hospital St. Roche de Nice, onde foi admitido às duas horas no serviço de cirurgia. A vítima foi submetida a uma delicada operação à cabeça e encontra-se em reanimação com assistência respiratória.

No entanto, os médicos têm pouca esperança de salvá-lo, dada a gravidade da ferida. Mohsen tinha passado a noite de terça-feira num casino de Can-

nes, e regressava à sua casa. Na altura em que ia a tocar a campainha do seu apartamento para que a sua esposa lhe abrisse a porta, foi alvejado com um tiro de pistola de 8 milímetros na cabeça, quase à queima-roupa.

O atentado, que ainda não foi reivindicado, foi cometido segundo indicações da esposa da vítima por duas pessoas, uma de tipo árabe e outra de tipo europeu, que fugiram num carro encarnado matriculado na região.

A OLP acusou os bandos terroristas do chefe do governo sionista Menahem Begin de serem os responsáveis do assassinato de Zouheir Mohsen.

Um comunicado da OLP indicou que o dirigente palestino dirigia-se de Monróvia para Beirute via Cannes, onde os terroristas de Begin cometeram o atentado.

«Não é a primeira vez que estes terroristas cometem tais actos, os serviços secretos israelitas têm, depois dos acordos de Campo David, por missão, eliminar a OLP, os seus dirigentes e os revolucionários palestinos», acrescentou o comunicado.

A agência Wafa anunciou que uma delegação palestina de quatro membros foi enviada para a França por Yasser Arafat, a fim de investigar so-

bre as circunstâncias do atentado. Zouheir Mohsen, que tem 43 anos de idade, é o quarto responsável palestino vítima de um atentado em França. Mahmoud Hamchari, representante da OLP em Paris, foi mortalmente ferido a 8 de Dezembro de 1972. Em 25 de Janeiro de 1973, Basil El-Kubaisi, um dos dirigentes da Frente Popular de Libertação da Palestina, era morto a tiros de revólver por desconhecidos. A 3 de Agosto de 1978, foi assassinado na sede da OLP em Paris, Ezzedine Kalak, chefe da representação palestina em França, juntamente com um dos seus adjuntos. (FP)

Assalto ao quartel de Moncada

(Cont. das Centrais)

dos defensores do regime de Batista. Em Bayamo os revolucionários também fracassaram.

Depois da fuga, para as montanhas da Grande Pedra, Fidel e seus companheiros só viriam a ser presos ao amanhecer do dia primeiro de Agosto, surpreendidos por uma patrulha do exército, enquanto dormiam. Mas a repressão já se tinha iniciado antes, logo depois do ataque, quando começaram a aparecer vários cadáveres de jovens nos arredores de Bayamo.

Quando Batista e o seu Estado maior souberam que o número de baixas entre os soldados havia sido muito maior do que entre os revolucionários, decidiram que «era uma vergonha e desonra para o exército ter tido um número três vezes maior de mortos e feridos durante os recontros». E foi dada a ordem para os assassinações: «É preciso matar dez prisioneiros para cada soldado morto».

A repressão sangrenta começou, passando por sevícias dehumanas nas prisões. Mas o exemplo de Moncada despertou a consciência revolucionária nas massas e, depois de libertos alguns dos sobreviventes do 26 de Julho, anos mais tarde, os jovens combatentes amadureceram seus planos e criaram o Movimento Revolucionário 26 de Julho que iria retomar a luta armada na Sierra Maestra e alcançar a vitória em Janeiro de 1959.

CUBA-79: PALCO DOS NÃO-ALINHADOS

Após vinte anos de Revolução, o povo cubano alcançou grandes êxitos na construção da sociedade socialista e no desenvolvimento da economia nacional, da ciência, da técnica e da cultura.

Logo nos primeiros anos após a vitória, foram realizadas profundas transformações no país: a reforma agrária, nacionalização das grandes propriedades pertencentes à burguesia estrangeira, o que permitiu a resolução de importantes problemas sócio-económicos nos interesses das massas trabalhadoras.

Foram liquidadas as epidemias da sociedade cubana pré-revolucionária que eram o desemprego, o analfabetismo, a discriminação racial, a miséria, a fome e as doenças. Hoje em dia, todos os cidadãos cubanos têm efectivamente garantidos direitos ao trabalho, ao descanso, à educação gratuita e à assistência médica e social.

O país aumentou incomensuravelmente o seu prestígio internacional, pela sua clara opção de desenvolvimento de relações com todos os países progressistas e povos em luta.

O facto de Havana ter sido escolhida como centro de realização, em Setembro deste ano, da 6.ª Conferência dos Chefes de Estado e de Governo dos países Não-Alinhados, não deixa de ser prova concludente do reconhecimento desse prestígio

do primeiro país socialista da América Latina. Este país esteve na origem da criação do Movimento dos Não-Alinhados, no seio do qual sempre de-

fendeu os princípios básicos que orientam o movimento assim como o seu carácter anti-imperialista.

Construção do socialismo na Tanzânia segundo René Dumont

DAR-ES-SALAM — O professor René Dumont, que termina uma viagem de estudo de três meses à Tanzânia, considera que a construção do socialismo neste país deve passar pela libertação da mulher.

O autor de «África negra está mal dividida», declarou que o verdadeiro proletário tanzaniano é o camponês, e, no seio da comunidade camponesa, a mulher é que cultiva e transporta no decorrer de múltiplas viagens a colheita e muitas vezes a água para a família.

O antigo candidato ecologista à presidência da República francesa expôs a sua visão do país no final de uma estadia de cerca de três meses em 14 das 20 regiões da Tanzânia.

Dumont redige presentemente um relatório que vai submeter ao governo do presidente Nyerere antes de efectuar uma visita à Zâmbia. Tenciona também incluir o resultado desta viagem num livro onde exporá os resultados da sua última viagem ao Sahel no ano passado.

O professor René Dumont sublinha que já não

existem as «aldeias Ujamaa» (comunitárias) na Tanzânia, pois a política que encorajou a sua criação só foi aplicada até 1973 e que o agrupamento camponês é gerido desde 1975 pela lei sobre as aldeias (Village Act) que não faz referência à política da «Ujamaa».

Dos 17,5 milhões de tanzanianos recenseados no ano passado, 13 milhões vivem doravante em cerca de oito mil aldeias, onde recebem os serviços essenciais: água potável, cuidados médicos e educação.

Dumont considera que é preciso descentralizar as aldeias em vários núcleos, de maneira que os camponeses estejam a meio caminho do centro onde estes serviços lhes são dispensados e dos campos que eles cultivam.

Sobre os resultados da agricultura tanzaniana, René Dumont pensa que são positivos, e que a autossuficiência neste domínio, fixado como meta para 1980 — fim do terceiro plano de desenvolvimento — poderá ser atingido. — (FP).